

História e Política:

**Pensamentos
constitutivos
e críticos**



Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti
(Organizadora)

Atena
Editora
Ano 2021

História e Política:

**Pensamentos
constitutivos
e críticos**



Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti
(Organizadora)

Atena
Editora
Ano 2021

Editora chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Editora executiva

Natalia Oliveira

Assistente editorial

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto gráfico

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremonesi

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da capa

iStock

Edição de arte

Luiza Alves Batista

2021 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2021 Os autores

Copyright da edição © 2021 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Profª Drª Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Arnaldo Oliveira Souza Júnior – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Prof. Dr. Humberto Costa – Universidade Federal do Paraná
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. José Luis Montesillo-Cedillo – Universidad Autónoma del Estado de México
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Miguel Rodrigues Netto – Universidade do Estado de Mato Grosso
Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

História e política: pensamentos constitutivos e críticos

Diagramação: Camila Alves de Cremo
Correção: Mariane Aparecida Freitas
Indexação: Gabriel Motomu Teshima
Revisão: Os autores
Organizadora: Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

H673 História e política: pensamentos constitutivos e críticos /
Organizadora Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti. -
Ponta Grossa - PR: Atena, 2021.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5983-554-6

DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.546213009>

1. História. I. Cavalcanti, Vanessa Ribeiro Simon
(Organizadora). II. Título.

CDD 901

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos - CRB-8/9166

Atena Editora

Ponta Grossa - Paraná - Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.

DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, *desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.

APRESENTAÇÃO

As objeções e o indignar-se frente à violência ética são um pressuposto à crítica. O suplantar da abordagem ontológica do ser - o atentar para uma crítica categorial identitária presente nas contradições inerentes do sistema vigente - o caminho para análise histórica.

Vanessa Cavalcanti & Carlos Silva, 2021.

Os matizes que enredam as áreas do conhecimento como História e Política produzem, circulam e analisam contextos específicos e as tensões entre grupos dominantes e dominados, disputas e nuances políticas. Com destaque aos pensamentos e contributos do século XIX, desde Karl Marx e Max Weber, passando à sociologia e história política dos séculos XX e XXI, miradas atentas relativas às estratégias, consolidação das teorias de formas de governo, performances políticas e cidadãs, bem como desenvolvimento de agendas que compuseram e compõem períodos variados, proporcionam leituras sobre o próprio Presente.

As categorias analíticas que englobam esse “fazer-saber” estão atreladas às abordagens disciplinares e transdisciplinares, nomeadamente com maior atenção aos jogos de poder, participação, governança e políticas públicas, ademais de indicar vieses crítico-reflexivos. Esse processo traz à tona devires e metodologias ampliadas, baseadas em documentos oficiais, fontes primárias de várias tipologias, incluindo literatura, jornais, músicas, experiências educativas, relações internacionais.

Em meio às mobilizações no tempo contemporâneo e presente, podem-se verificar aproximações entre as duas ciências. Incentivadas pela produção historiográfica delimitam mais que meras descrições, análises mais apuradas, além de registrarem ações e vivências práticas.

A obra História e Política: Pensamentos constitutivos e críticos tem como objetivo justamente ampliar diálogos – pautados em criticidade e diversidade - reunindo frutos de investigações avançadas por parte de autoras/es brasileiras/os cujas temáticas coadunam com o título da coletânea. São composições autorais diferentes e que trazem distintas perspectivas sobre um recorte temporal que vai do século XIX ao XXI.

Em sua maior parte, os capítulos versam sobre investigações teóricas e historiográficas, apontando para eixos temáticos emergentes, além de novas abordagens e sujeitos como referenciais. Perfazem, sobremaneira, produções sobre conceitos, práticas e agendas políticas que compõem uma geografia global e a história mais recente, escrita entre regimes ditatoriais e democráticos.

Neste contexto, olhares atentos para a caracterização de domínios, esferas e planos na apreciação da análise, interconectando História e Política, são pretendidos como elemento basilar das produções aqui organizadas.

Um convite à leitura e às contribuições resultantes de pesquisas e etapas de formação acadêmica.

Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti

SUMÁRIO


CAPÍTULO 1..... 1

O SIMBÓLICO NA MORTE DE EDSON LUÍS E MARIELLE FRANCO

Talita Souza Magnolo

Rosali Maria Nunes Henriques

Marina Aparecida Sad Albuquerque de Carvalho


 <https://doi.org/10.22533/at.ed.5462130091>

CAPÍTULO 2..... 16

“COMPORTAMENTO GERAL” DE GONZAGUINHA: UMA ANÁLISE REFLEXIVA DA DITATURA E CONTRAPONTO COM O GOVERNO BOLSONARO

Nayara Figueira


Andrise Teixeira

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.5462130092>

CAPÍTULO 3..... 27

AFINAL, ONDE ESTAVA O POVO? A AUSÊNCIA DAS CAMADAS POPULARES DO PROCESSO POLITICO NA “REPÚBLICA” DAS OLIGARQUIAS

Robson Roberto da Silva

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.5462130093>


CAPÍTULO 4..... 44

ENSINO COM PESQUISA NA EDUCAÇÃO BÁSICA: DESAFIOS À FORMAÇÃO DE JOVENS PESQUISADORES DA AMAZÔNIA SUL-OCIDENTAL

Maria Iracilda Gomes Cavalcante Bonifácio

Reginâmio Bonifácio de Lima

Lucas Gomes do Vale

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.5462130094>

CAPÍTULO 5..... 59

A ATUAÇÃO DA COMISSÃO SANITÁRIA DE CAMPINAS-SP: AÇÕES DE POLÍCIA SANITÁRIA NO PERÍODO REPUBLICANO

Cássia Mariane Pavanati

Everardo Duarte Nunes


 <https://doi.org/10.22533/at.ed.5462130095>

CAPÍTULO 6..... 76

A ROTEIRIZAÇÃO MITOPOÉTICA DE SEXUALIDADES

Simone Ganem Assmar Santos

Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti


 <https://doi.org/10.22533/at.ed.5462130096>

CAPÍTULO 7..... 91

O FORTALECIMENTO DA POLÍTICA EXTERNA BRASILEIRA COM OS ESTADOS

UNIDOS DURANTE A ÚLTIMA DÉCADA

Wallace Moacir Paiva Lima

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.5462130097>

SOBRE A ORGANIZADORA..... 100

ÍNDICE REMISSIVO..... 101

CAPÍTULO 6

A ROTEIRIZAÇÃO MITOPOÉTICA DE SEXUALIDADES

Data de aceite: 27/09/2021

Data de submissão: 25/09/2021

Simone Ganem Assmar Santos

Médica, Analista Junguiana. Doutora e Mestra em Família na Sociedade Contemporânea pela Universidade Católica do Salvador. Especialista em Psicoterapia Analítica pelo Instituto Junguiano da Bahia em convênio com a Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública. Integrante do Núcleo de Estudos sobre Educação e Direitos Humanos (NEDH/UCSAL/CNPq)
orcid.org/0000-0001-6355-8122

Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti

Historiadora. Doutora em Humanidades pela Universidade de León, com pós-doutoramento na Universidade de Salamanca (CNPq e CAPES). Investigadora no Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra (2021/2023). Docente dos Programas de Pós-Graduação em Políticas Sociais e Cidadania (Universidade Católica do Salvador) e em Estudos Interdisciplinares em Mulheres, Gênero e Feminismo (Universidade Federal da Bahia). Investigadora associada do Instituto de Sociologia da Universidade do Porto e líder do Núcleo de Estudos sobre Educação e Direitos Humanos (NEDH/UCSAL/CNPq)
orcid.org/0000-0002-5689-8206

RESUMO: Corpos e vidas traduzidas nas reflexões e abordagens são eixo principal desse artigo, envolvendo sexualidades e/ou erotismo feminino

no Tempo Presente. Com base historiográfica e vertente qualitativa, as ideias anunciam a compreensão do significado do Eu e do Outro que, por sua vez, implica em uma exploração teórica acerca da constituição da subjetividade humana. A delimitação está delimitada a partir de autorias contemporâneas, quais sejam, a romancista chilena Isabel Allende (1998) – em livro da sua autoria *Afrodite. Contos, Receitas e Outros Afrodisíacos* – buscando pressupostos do sociólogo norte-americano John H. Gagnon - no livro intitulado *Uma Interpretação do desejo, Ensaios sobre o Estudo da Sexualidade* (2006). Através de análise de conteúdo e no formato ensaístico, intentamos elaborar um entrelace entre as inúmeras controvérsias nas quais tal tema, tão diverso e polêmico, se insere.

PALAVRAS-CHAVE: Mulheres; Corpos; Sexualidades; Subjetividades; Erotismo.

THE MYTHOPOETIC SCRIPTING OF SEXUALITIES

ABSTRACT: Bodies and lives translated into reflections and approaches are the main axes of this articles, involving sexualities and /or female eroticism in the Present Time. Based on historiography and qualitative aspects, the ideas announce the understanding of the meaning of the Self and the Other, which, in turn, implies a theoretical exploration of the constitution of human subjectivity. The delimitation is based on contemporary authorship, that is, the Chilean novelist Isabel Allende (1998) – in a book of her authorship *Aphrodite, Tales, Recipes and Others Aphrodisiac* – looking for assumptions of the

North American sociologist John Gagnon – in the book entitled *An Interpretation of Desire, Essays on the study of sexuality* (2006). Through content analysis and in the essay format, we intend to elaborate a link between the countless controversies in which this theme, so diverse and controversial, is inserted.

KEYWORDS: Women; Bodies; Sexualities; Subjectivities, Erotism.

LA ESCRITURA MITOPOÉTICA DE SEXUALIDADES

RESUMEN: Cuerpos y vidas traducidos en reflexiones y enfoques son los ejes principales del artículo, que involucran sexualidades y/ o erotismo femenino en la actualidad. Basado en historiografía y aspectos cualitativos, las ideas anuncian la comprensión del significado del Yo y el otro, que, a su vez, implica un abordaje teórico de la constitución de la subjetividad humana. La delimitación temática utiliza como fuente la autora chilena Isabel Allende (1998) – en su libro *Afrodita, Cuentos, Recetas y Otros Afrodisíacos* – y aún busca supuestos del sociólogo norteamericano John Gagnon – en su obra *Una Interpretación del Deseo, Ensayos sobre el Estudio de la Sexualidad* (2006). A partir de análisis de contenido, con formato ensayo, pretendemos elaborar vínculo entre las innumerables controversias donde el tema está inserido, en su carácter diverso e controvertido de la contemporaneidad.

PALABRAS-CLAVE: Mujeres; Cuerpos; Sexualidades; Subjetividades; Erotismo.

“Para las mujeres el mejor afrodisíaco son las palabras”. Assim começa a escritura de Allende numa performance literária e recomendação inicial. Desnuda corpos e o caráter erótico, experiencial e exponencial. “Bajo la piel se ocultan deseos nunca formulados, aflicciones recónditas, marcas invisibles”.

E segue, nas primeiras páginas, já marinando uma narrativa delicadamente pensada:

Me arrepiento de las dietas, de los platos deliciosos rechazados por vanidad, tanto como lamento las ocasiones de hacer el amor que he dejado pasar por ocuparme de tareas pendientes o por virtud puritana. Paseando por los jardines de la memoria, descubro que mis recuerdos están asociados a los sentidos. (ALLENDE, 1998, p. 7).

São inúmeros os recursos literários que ajudam a representar o erotismo (MARTINS, 2019)¹. A princípio, quase que na subalternidade e clandestinidade, retratam e revelam muito da experiência humana relacional. É possível retratarmos diferentes nuances no campo das sexualidades, caracterizando desejos, prazeres e formas de expressão escrita nos últimos cinquenta anos. Tendo em vista seu caráter transgressor, o elenco autoral e uma vastidão de obras chamadas de eróticas tornaram-se campo de batalha para contestar moralismos e reivindicar vivências do corpo.

Se de um lado, os anos 70 lançaram uma tendência literária, associando, de forma incisiva o desejo e a performance erótica e sexual, também revelava “imaginários funestos”, valendo-se de paisagens ostensivamente cosmopolitas, mas sem perder também

¹ “O erotismo e a sensualidade femininos e masculinos surgem como uma vivência coletiva, como forças moventes da História, e não como expressão de um desejo subjetivo” (MARTINS, 2019).

as dimensões territoriais mais rurais e isoladas. Sugeriam a intensificação da temática de corpos e de um vasto repertório de fantasias eróticas. Nos contrastes entre regimes totalitários (violações e torturas) o contraponto transgredia nas artes e na produção escrita, desnudando as amarras, os aprisionamentos e ganhando força também nos debates acadêmicos e nos ambientes universitários.

Ao tomar como ponto de partida as ideias e as narrativas autobiográficas da escritora Isabel Allende (nascida em 1945 e com grande experiência em território latino-americano vivendo no Peru, Chile e Venezuela), os argumentos desse artigo encontram na literatura autoral feminina os matizes que compreendem as múltiplas interfaces com o erotismo. Escolhendo o ensaio como estilo e forma, são as bases epistemológicas feministas e a aproximação com a sociologia que permitirão construir diálogos entre representações, identidades, alteridade e relações possíveis extraídas justamente a literatura contemporânea de autoria feminina.

Enveredar pelas narrativas literárias é, sem dúvida, percorrer cenários, dramas, mas sobretudo, personagens retratadas quase como expressões reais, ainda mais quando o contexto é o imaginário latino-americano. As mulheres de ficção – criadas e corporificadas no universo allendiano² - buscam suas raízes no Realismo fantástico do cotidiano, mesclando-se com as personagens reais: sangue e tinta, carne e papel, vida e sonho. Isso acontece desde as primeiras obras que ocupam momentos da ditadura vivenciada e narrada e estão de tal sorte imbricadas que não se conseguem separá-las. Contam vidas vividas com roupagem ficcional.

O resgate do imaginário é fundamental, uma vez que as ações humanas, os conflitos e a construção da realidade material, se baseiam exatamente nas imagens que os sujeitos históricos têm de si mesmos e dos seus semelhantes, quer engendrados na mesma categoria social que ele, ou taxados como seus adversários e inimigos.

“Não são as ações efetivamente guiadas por estas representações mentais, advindas da literatura, que simbolizam o real. Elas não modelam os comportamentos, não mobilizam elas as energias, não legitimam elas as violências?” (SEVCENKO, 1997, p. 13).

Logo, a obra literária, ao desconstruir tais representações, desvendando fantasias e revelando as possibilidades criadas pelo autor, demonstra flexibilidade e certa dubiedade enriquecedora (MARTINS, 2019). Enraíza-se profundamente em seu tempo e nas questões que ele suscita, mostrando-nos a realidade por um prisma muito específico. Não obstante, a apreensão desta realidade reveste-se de grande subjetivismo e particularidade, não sendo

2 É no Realismo Fantástico que tem servido de veículo para mulheres como Isabel Allende, Laura Esquivel e outras tantas que, utilizando-se de metáforas, extrapolando ao máximo situações que devem ser denunciadas, trazem à lume mulheres, homens explorados, crianças violentadas, direitos desrespeitados. Poderíamos citar inúmeras escritoras representativas do contexto latino-americano que, juntamente com Isabel Allende, registraram escritura específica sobre corpos, sexualidades e identidades femininas. Seja em *A Casa dos Espíritos* (1995); a mexicana Laura Esquivel – *Como Água para Chocolate* (2000), sendo as duas convertidas para a linguagem cinematográfica), a afro-brasileira Carolina de Jesus – *Quarto de despejo* (1960); e Clarice Lispector, com *A Hora da Estrela* (1977). Hilda de Almeida Prado Hirst (1930-2004) também deve entrar na listagem já que retratava um certo “erotismo urbano”.

possível por isso, buscar nela o espelho fiel do real ou a precisão “científica” pretendida por alguns. Pelo contrário, é preciso tratá-la com sensibilidade, procurando perceber através da palavra, “essa substância impessoal, recurso poderoso para a existência humana” (SEVCENKO, 1997, p. 19).

O elenco de obras produzidas e de ampla divulgação serão, sobremaneira, entrelaçadas aos pressupostos do sociólogo americano John H. Gagnon (1931-2016) sobre estudos das sexualidades na Universidade de Chicago. As linhas advindas da ciência já não permitem aquelas fronteiras matizadas no campo literário; entretanto, trazem novamente corpos e sentidos femininos como foco central da atenção. O presente texto não tem a pretensão de dá conta das incontáveis polêmicas que envolvem o modo das mulheres viverem suas experiências no campo das sexualidades, com destaque aos acontecimentos e vivências a partir dos anos 1960 e 70.

Na parceria com William Simon (1974), revelou aproximações com a ideia de roteiros ou scripts vislumbraram novas abordagens e análises sociológicas, delimitadas a partir da pesquisa empírica conduzida desde meados dos anos 60 sobre comportamento sexual. Tendo como sujeitos centrais de suas investigações incorporou comunidade homossexual, jovens universitários e projetos governamentais relativos à educação sexual para a realidade norte-americana. Incrementou e intensificou atenção sobre sexualidades também nos anos 80 quando das dimensões pandêmicas da HIV/AIDS (GAGNON & SIMON, 1987).

As questões aqui indagadas estão atreladas às subjetividades, ressaltando as vinculações com o campo dos desejos e performances sexuais, femininas e feministas, contemplando as ambiguidades e as incertezas.

Ao contrário, o potencial subversivo que lhes cabe na paisagem sensível da atualidade depende justamente de um contato promíscuo com o que está ao redor para, então, criar linhas de fuga que operem como vetores de crítica e resistência a esse mesmo redor. (MORAES, 2008, p. 6).

Relevante refletir o modo como cada protagonista pode, em frente a tais experiências, encontrar o deleite ou o horror de acordo com o contexto vivido. É de nosso interesse pensar sobre o tema atentando para o significado que as mulheres atribuem aos seus corpos e às suas expressões e identidades sexuais, levando em consideração o direito à liberdade, à autonomia, a cumplicidade dos desejos e a responsabilidade entre O Eu e o Outro.

Nessa textura, a corrente de energia libidinal pode fluir e refluir, entre os sujeitos, possibilitando ao erotismo permear o ambiente a partir de toques, de olhares, de gestos, de respiração, de parceria e companheirismo. As marcas e os afrodisíacos contidos “sob a pele” e que podem ser transcritas no formato de palavras.

Embora a existência de tantos discursos da sexualidade tenha servido como dispositivo de controle dos corpos e dos prazeres, a constatação da quantidade de obras que abordaram o sexo social, filosófica, psicológica ou anatomicamente leva inevitavelmente ao questionamento da ausência de uma

crítica literária preocupada com o tema. Encontramos algumas respostas para essa indagação ao assumir que a invisibilidade que a literatura erótica sofre é resultado de um mal-estar maior, em que não é apenas o “falar sobre sexo” que está em jogo, mas um conjunto de crenças e valores sustentados há vários séculos por uma elite intelectual. (ZUCCHI, 2014).

Com tal perspectiva nada mais oportuno para alavancar esse artigo do que a representação poética intitulada *Casamento* da escritora mineira Adélia Prado (1991).

“Há mulheres que dizem: Meu marido, se quiser pescar, pesque, mas que limpe os peixes.

Eu não. A qualquer hora da noite me levanto ajudo a escamar, abrir, retalhar e salgar.

É tão bom, só a gente, sozinhos na cozinha,
de vez em quando os cotovelos se esbarram,
ele fala coisas como “este foi difícil”, “prateou no ar dando rabanadas”
e faz o gesto com a mão.

O silêncio de quando nos vimos a primeira vez atravessa a cozinha como um rio profundo.

Por fim, os peixes na travessa, vamos dormir.

Coisas prateadas espocam: somos noivo e noiva”.

Em uma linguagem amorosa, composta pela experiência após os cinquenta anos de vida relacional, a autora traz como pano de fundo o roteiro ordinário do cotidiano, circulando entre as expressões sexuais vivenciadas entre protagonistas da e em ação. Nas relações conjugais, emoções, desejos e palavras conotam mais que significados simplificados e corriqueiros. Os seus versos descrevem o contato partilhado no qual o prazer sexual emerge e se mistura entre os toques, os olhares, os silêncios e os encontros dos cotovelos.

Encontros corporais, alertas de ocupação de espaços, das partilhas e das intenções. É, na cozinha - um espaço trivial, historicamente opressor para mulheres e determinante da ética e da economia do cuidar, de papéis subalternizados e silenciados -, que a experiência sexual acontece sem hierarquias ou assimetrias.

O peixe pescado pela escolha de um é descamado pela vontade da outra e o erotismo se impõe guiando os parceiros à celebração, diante dessa experiência transcendente. São condições que imprimem plenitude, independentemente da idade cronológica. Neste ponto, a autoria explicitada – relativa ao ser feminino do poema - gerado pela imaginação ou pela realidade biográfica da autora, seja mesmo uma mulher transgressora, já que ao escolher um roteiro para viver suas expressões sexuais buscou, nos seus desejos, aquilo que Gagnon (2006, p. 221) denominou das “fontes do erótico”.

Tal conduta revela, ademais, os fragmentos e as emoções mentais, corpos encarnados e com sentidos à flor da pele. São experiências que vão além da ação da reprodução, do instinto ou da submissão. São palco, cenário e personagem de tramas involucradas de sentidos sensuais, eróticos e explicitação de desejos nos pormenores.

É o ato na sua inteireza e nesse pacto o roteiro se estabelece na aliança entre as partes, estabelecendo diálogos e jogos. É o Eros surgindo, estimulando e apurando os centros do prazer, estampando um sentido de completude à existência humana.

Por conseguinte, ao eleger o diálogo entre Allende (1988) e Gagnon (2006), a união das ideias se estabeleceu diante da percepção de que existe um ponto de fusão que se situa nas ambiguidades próprias ao tema. O encontro com o prazer ou com o desprazer são condições presentes na compreensão dos autores, considerando, sobretudo, os sabores e os percursos vivenciados por cada mulher no curso da sua vida. Entretanto, mesmo a despeito de discorrerem sobre um tema comum – a sexualidade –, adotam caminhos epistemológicos diferentes na compreensão desse tema.

Allende (1998), ao estruturar um paralelo das vivências sexuais com o ato da alimentação, preconiza que o indivíduo, nessas duas instâncias, pode ser levado ao gozo ou ao desencanto, a depender dos sabores que degustam nas suas vivências sexuais.

Já Gagnon (2006), trilhando caminho diferente e na esfera científica, mas com visão similar, defende a ideia dos roteiros sexuais já que o caminho escolhido possibilita, ao sujeito, viver a experiência do deleite ou do horror.

Diante de tais reflexões essa visão continua emaranhada nas questões incertas, duvidosas e paradoxais, no modo do ser feminino viver as suas fantasias já que o fetichismo ainda é um dos tantos contextos de subordinação aos quais os seres humanos, enquanto seres sociais, podem se embaralhar nas suas perigosas teias. São os emaranhados da perversa exploração capitalista, como parte do caminho, oprimindo as ações femininas e feministas, evidenciando tanto o agente explorador quanto a parte explorada.

Lançando mão de uma linguagem mitológica Allende busca, em Afrodite – a deusa da Mitologia Grega, considerada como a soberana do amor, da sexualidade, da beleza, do erotismo e, igualmente do orgulho, da vingança e da discórdia, logo, um mito dúbio, paradoxal –, entender as variantes que por aí se apresentam. Ancorada na potência afrodisíaca elabora um paralelo com a comida, ou com o ato da alimentação, defendendo que, tanto o ímpeto sexual quanto “um bom jantar”, não devem ser desperdiçados com o excesso ou com a escassez.

Com essa singular analogia enfatiza que ao planejar um cardápio as pessoas devem considerar os diferentes sabores. Nesse particular, é relevante que fiquem atentas para que eles - os sabores -, não somente se complementem, mas que tenham a possibilidade de serem distinguidos. Adverte que a ordem na qual os pratos são servidos influencia, sobremaneira, na sua apreciação no paladar e do olhar, na erotização da ação e dos sentidos.

É conveniente não começar com o mais suculento, porque, se este for o primeiro a ser degustado, possibilita que os outros fiquem sem gosto, insossos ou mesmo mal digeridos. E, dessa forma, se expressa:

“Um jantar bem pensado é um crescendo que começa com as notas suaves da sopa, passa pelos arpejos delicados da entrada, culmina com a fanfarra do prato principal, seguido finalmente dos doces acordes da sobremesa”. (ALLENDE, 1998, p. 71).

Com tal perspectiva, compreende que as vivências sexuais, uma vez livre das performances espetacularizadas do tempo presente, podem ser penetradas pelo encanto do gozo e não pela desilusão ou a insensatez da violência.

Trilhando entre os pressupostos da romancista chilena, vê-se que as atitudes comportamentais da deusa grega, põem à tona os caminhos duais inseridos na beleza, na sensualidade, no erotismo e no amor, mas, do mesmo modo, na arrogância, na vingança e no terror, condições tão bem exercidas pela homenageada divindade.

Lançando mão do arquétipo, o vincula à relação de semelhança entre o ato de alimentar e as vivências sexuais defendendo a condição ambígua carimbada tanto em uma quanto na outra situação. Por isso que, na comparação entre a comida e a sexualidade evidencia o quanto a pressa ou o exagero, irritam tanto os humores responsáveis pela digestão quanto àqueles que dão respostas aos condicionamentos sexuais. Se o desfrute e a dor imprimem as suas próprias características, é fato que o excesso, a velocidade ou a precipitação, no ato de comer, irritam o suco gástrico, causando indigestão; assim também acontece com as experiências sexuais.

Na sua produção literária, intitulada *Afrodite. Contos, receitas e outros afrodisíacos* (1998), elaborada após a morte de sua filha, a escritora chilena – após tantas escrituras ficcionais - confessa como se deu o resgate da sua libido comprometida diante do luto. Nesse contexto, seu corpo já não tinha desejos e sua mente era nula em imaginação. A vida tinha perdido o cheiro, o sabor e a cor. Todavia, certos acontecimentos deram um novo rumo e a fizeram entender a importância da sexualidade na sua existência, emergindo daí um novo sentido ao seu viver.

Sonhos eróticos e recorrentes começaram a fazer parte das suas noites e neles a comida e a sexualidade estavam sempre presentes. Em frente a esse contexto confessa a dificuldade que teve em aceitar essa situação já que vivia o luto pela perda da sua filha e não se sentia merecedora dos ditos prazeres. Para ela, o renascer para a sua sexualidade era interdita já que seu corpo além de enlutado era também senil para as vivências eróticas.

Em um diálogo com um amigo assim se expressou:

“Porque tenho esses pesadelos, Robert? Estou há meio século toureando os demônios da carne e do chocolate. O amigo respondeu: tenho más notícias, querida, aos setenta e dois contínuo igual. A tentação continua, mas a execução falha” (ALLENDE, 1998, p. 20).

Tal instigante diálogo demonstra a condição conflituosa impressa nessas questões, independentemente de identidade sexual e de gênero, da idade e da condição cultural do sujeito. Os “demônios da carne” seguem rondando corpos.

Nota-se que, nas interações sociais e sexuais entre os indivíduos, o corpo e os desejos se posicionam como elementos fundamentais entre a autonomia e a subordinação. Elas podem definir pluralidades de compreensões e atitudes em variadas situações.

Nesse particular, Gagnon (2006, p. 219, 220), ao expor a ideia de “roteiros sexuais” para falar sobre os conflitos presentes, no que tange às sexualidades, esclarece ao longo de sua obra sobre a necessária conceituação da categoria.

“O roteiro é aquilo que liga os sentimentos de desejo e de prazer ou de repulsa e desintegração às atividades corporais associadas ao contato físico e aos sinais físicos de excitação (...). A sequência do que deve ser feito num ato sexual depende da existência prévia de um roteiro que defina o que deve ser feito com tal ou qual pessoa, em tal ou qual circunstância, em tal ou qual ocasião, e quais são os sentimentos e motivações apropriados a esse evento (horror ou deleite, raiva ou incentivo)”.

Na união dos pensamentos, a sexualidade mergulha por entre os sabores e os roteiros podendo conduzir o sujeito ao prazer do gozo ou a frustração da frigidez como, igualmente, às fobias com as suas diferentes formas de violência, de medos e obsessões. São caminhos que se movem em territórios movediços e que circulam entre os diferentes itinerários com as suas peculiares consequências.

Nesse particular, a teoria dos roteiros de Gagnon (2006) possibilita estruturar um pensamento. Ao defender que a vida mental e a social andam de mãos dadas admite que as representações sexuais formatam um cenário cultural que não é simplesmente uma questão de regras ou valores abstratos. Para ele o que importa é o modo como as normas e as atitudes se integram nas narrativas sexuais a que foi dado o nome de roteiros.

Em outras palavras: se muitos dos símbolos culturais demarcam as atividades sexuais é no campo do social, e não na instância da biologia, que a conduta sexual deve ser organizada. Para o autor, a ideia dos roteiros foi para entender a relação entre o comportamento do indivíduo atuante e a sua interação com a ordem sociocultural no que diz respeito às práticas sexuais.

As pessoas aprendem sobre a vida ao receberem instruções sobre como agir, instruções estas que se encontram inseridas em histórias com desfechos bons e ruins (essas histórias identificam o que deve [ou não deve] ser feito, onde fazê-lo, quando fazê-lo, e com quem fazê-lo e por que fazê-lo) (GAGNON, 2006, p. 223).

Esclarece que o sujeito não é uma réplica dessa ordem, porquanto, na teoria dos roteiros sexuais, nada é fixo já que as respostas são adaptativas e estão de acordo com o ciclo de vida do sujeito e com certas situações, no instante de cada experiência vivida.

Em sua ótica, ninguém inventa as próprias fantasias. Elas são partes de uma peça que as pessoas montam em sua cabeça, mas, que o enredo já estava escrito.

Com essa compreensão o autor admite três níveis de roteiros sexuais:

1) os roteiros culturais, que estão vinculados aos símbolos culturais e aos papéis sociais;

- 2) os roteiros interpessoais, que implicam em uma variação de conduta individual no que parece ser uma mesma situação socialmente estruturada;
- 3) os roteiros intrapsíquicos, que incorporam o planejamento, as lembranças e as fantasias que despertam o desejo sexual (GAGNON, 2006).

Calcado nesses três níveis admite que não existe um comportamento padronizado na instância da sexualidade ou nas tantas outras condutas sociais, porquanto, o comportamento das pessoas está, habitualmente, vinculado aos contextos nos quais as condutas são produzidas. Para ele, a interação entre os níveis da roteirização está calcada nas dimensões históricas, culturais e individuais.

“Existem culturas e épocas históricas em que não há conflito entre os significados culturais aceitos e as oportunidades de interação; os cenários culturais servem de moldes adequados à interação, e o indivíduo simplesmente monitora a qualidade dos desempenhos” (GAGNON, 2006, p. 226).

Com tal perspectiva e vasculhando a essência identitária humana, Gagnon entende que, inicialmente, os indivíduos se socializam como espectadores ou mesmo aprendizes dos cenários culturais. Entretanto, à medida que atuam como protagonistas desses tais roteiros (*scripts*) os modificam no sentido de que possam atender às exigências das outras pessoas aí presentes. Isso remete à noção de relacional e interatividade nas relações sociais e humanas, matizando identidades e alteridade. Assim se pronuncia, advertindo que, “nessas circunstâncias, passamos de atores puros, que leem seu texto, a improvisadores com certos componentes de dramaturgos” (GAGNON, 2006, p. 227).

Por conseguinte, na união das ideias de autores selecionados para esse artigo é possível entender que a noção de sexualidade, como busca do prazer e descobertas de sensações, implica em fatores diversos. Percorre caminhos que se adentram entre a Natureza e a Cultura se movimentando por entre as diversificadas transformações culturais, sociais, políticas, científicas, biológicas, corporais e tecnológicas. Assim sendo, é salutar compreender que a sua manifestação não está, obrigatoriamente, relacionada ao intercurso sexual e que o prazer daí advindo deve incluir, dentre outros elementos, o afeto e a comunicação entre o eu e o não eu.

É preciso apreender que o erotismo, como elemento enriquecedor da existência humana, não deva ser considerado como uma mera satisfação dos instintos, mas como um ato criativo compartilhado pelo prazer de unir os amantes aos ritos que embelezam e dão sentido à existência humana. Que sejam momentos que possam possibilitar intensos instantes de desejos e prazeres partilhados, entre os atores da ação.

Nos trabalhos que envolvem as vivências sexuais do sujeito, notadamente do ser feminino, é pertinente perseguir caminhos inseridos na ideia da totalidade. É nesse percurso que surge a oportunidade do sagrado e do profano, do concreto e do imaginário, do físico e do mental, do social e do cultural se entrelaçarem e se (re) conciliarem, não abrindo brechas para os perversos caminhos da fragmentação e da discriminação.

São rotas nas quais a violência, o preconceito, o horror, os comportamentos banalizados, como a pornografia, a podofilia, o abuso sexual, a objetificação do corpo e tantas outras injúrias, nesse campo presentes, não encontrem espaços para a sua morada.

Portanto, nas ambiguidades, sejam elas compreendidas pela visão poética da romancista chilena ao unir o ato de se alimentar ao ato da sexualidade, ou na perspectiva social/cultural/mental, inclusa na ideia dos roteiros do sociólogo norte-americano, percebe-se as dificuldades em lidar com as dualidades aí impostas.

Nesse ponto, pertinente trazer a deusa de volta a essa nossa conversa e com ela uma pergunta a ser formulada: em frente ao legítimo desejo de beleza e sexualidade, em que medida Afrodite pode atuar como uma influência na relação entre o erotismo e o processo de civilização de uma cultura? Como se posicionar nessas linhas dicotômicas com seus limites antagônicos entre instintos, emoções e viés racional?

Decolando com tais ideias aterrissamos no campo dos valores. É fato que eles estruturam as sociedades e que são construídos pelos seres humanos, mas, por eles mesmos estranhados (NIETZSCHE, 1978).

Como a realidade nos mostra que o mundo vem presenciando as incontáveis banalidades inclusas nos mais hediondos e bestiais crimes em nome de Afrodite é preciso questionar por que laços e entrelaços o poder civilizatório de Afrodite se impõe? Essa formulação se dá no entendimento de que se tanto o amor quanto a violência são condições concernentes à Deusa, talvez, na visão das sociedades, que vivem sob a égide do espetáculo (DEBORD, 1997), é provável que exista um entendimento de que se pode matar em nome do amor, estuprar em nome de um instinto incontido, retalhar os corpos em nome da ira, banalizar e coisificar os corpos femininos em nome de um patriarcado arcaico, mas, ainda presente e pujante, atualmente.

Baudrillard (2004, p. 58), ao se referir à violência assassina da banalidade, como a forma mais imperceptível do extermínio, assim se posicionou:

“O século XX terá visto todo tipo de crime – Auschwitz, Hiroshima, genocídio -, mas o verdadeiro crime perfeito é, nos termos de Heidegger, a segunda queda do homem, a queda na banalidade.”

Nesse caminhar é relevante trazer à tona os pensamentos de Paglia (1992, p. 15) quando a autora compreende que “o erotismo é o reino tocado por fantasmas. É o lugar além dos confins, ao mesmo tempo amaldiçoado e encantado” (grifos nossos). Território e espaço onde acontecem nuances da complexidade identitária e contradições intrínsecas à vivência relacional entre indivíduos.

Por assim ser é pertinente revisitar a Mitologia Grega – recuperando não somente mitos, mas pontos cruciais para explicar e ilustrar relações humanas - já que as lendas míticas imprimem sentido às narrativas que compõem a vida do sujeito. Elas arquitetam realidades, elaboram reflexões, constroem pontes e nos levam a assimilar a importância dos diferentes arquétipos presentes na existência dos seres humanos.

Nesse particular, as histórias advindas dessa fonte narram a inusitada paixão da Deusa do amor por Ares, o Deus da Guerra. Afrodite e Ares, vida e morte, forças opostas que, ironicamente, geraram quatro descendentes. Dois deles estão vinculados à pulsão sexual criativa da existência: *Eros e Harmonia*, respectivamente o deus amoroso e a deusa da concórdia, da paz, do pactuar.

Em contrapartida, os outros dois rebentos, concebidos da força brutal sexual destrutiva do Deus da Guerra, foram denominados de *Deimos e Fobos*. São eles que incutem o medo, o terror, as fobias, as aversões doentias. Expõe aqui, em um simples Mitologema, o dualismo inserido nas vivências sexuais de muitas mulheres. São realidades, expostas em estatísticas, que reforçam o entendimento de que a sexualidade e /ou o erotismo, a beleza, a paixão, o amor estão, a depender das circunstâncias, ao lado do confronto, da luta, da violência, do enfrentamento.

Outrossim, seguindo a ideia dos roteiros de Gagnon (2006) e dos sabores de Allende (1998), apreende-se que se a predileção em viver as experiências da sexualidade é pela busca do prazer, da plenitude, do compartilhamento, é salutar trilhar os caminhos gerados pela pulsão sexual criativa da Deusa Afrodite. Por certo, tantos os roteiros quanto os sabores que emanam dessa condição, têm a possibilidade de se configurarem em dádivas que possam ser compartilhadas entre as pessoas que delas são partícipes.

Enfim, são experiências que vividas ao lado do Deus Eros e da Deusa Harmonia reforçam a força do lado amoroso de Afrodite, contribuindo para um elevado processo civilizatório em toda a humanidade, trazendo à nossa consciência a verdadeira poética da sexualidade.

As expressões humanas – relativas às identidades sexuais e a mitopoética – podem, ademais, revelar uma potência para a existência e as múltiplas resistências. Nos paradoxos e na poesia erótica também se encontram traços dessa consciência e da urgência em “traduzir”, seja no campo das artes literárias ou das Ciências Sociais, mais do que conservadorismos e conformismos sobre e de corpos, sexualidades e identidades. Os roteiros e os sabores conectam categorias relacionais, as complexas vidas de quem transgride normas e tradições.

Vergonha: a fome nas crianças, a fome desenhada, omnipresente. Crianças que nem pão, ou gesto, ou um olhar qualquer.

Vergonha de haver fome. De olhar fome. Vergonha: só o ver, como estas coisas. A violência de ver, sem mãos para mudar. Essa a vergonha.

Vergonha: amor ausente e lacerado, obrigações de carne, obrigações do resto.

Vergonha, esse chocar de carne contra carne, em moderna invenção – que nem de carne é feita, mas de fórmula exacta.

Vergonha: destruir e conquistar sobre terreno alheio. Vergonha é o silêncio, a sério de vazio. A quem pertence o mundo? Vergonha é não te amar.

Vergonha era fingir que não te pertença. [...] As palavras perseguem-me, sombrias. Vergonha é não amar, e o sol de frente. Vergonha é não olhar de frente o sol.

Abrir os braços em gesto que não sei e só talvez assim o conseguisse: braços abertos, como os do Cristo que vi na catedral, e o mundo todo aberto à minha frente. [...] Quando voltei do sol, reconheci: vergonha o pertencer, sem querer, a outro corpo.

Vergonha é consentir. Vergonha é consentir. E a fome pode ser: ou de matéria a sério, ou de ternura – tão séria, tão honesta, como a ausência de farinha ou leite.

Vergonha é o jornal que leio de manhã e ao domingo: as notícias de choque, a polícia de choque, disciplinas do corpo.

Vergonha é não amar. O resto é estar aqui, o futuro presente, pronto para suster ódios e lutas (AMARAL, 2013, p. 77-79).

Se “vergonha é não amar” e não dar amplitude aos sentidos (eróticos, inclusive) qual finalidade relacional humana? Se os *scripts* já estivessem desenhados e essencializados, qual tempero cultural e qual relevância da aprendizagem mútua, de corpos, de sexualidades e de identidades que se constroem, se mesclam e se modificam ao longo das histórias ficcionais e reais?

Assim, em frente às ambiguidades que se movimentam em torno desse tema, no qual o prazer e a dor se fazem presentes, é preciso entender a importância das vivências sexuais e corporais estarem conectadas à beleza e ao poder civilizatório da deusa Afrodite.

Nesse particular, a mitologia nos conta que a cada primavera Afrodite se purificava e se renovava em um banho sagrado. O banho da referida deusa dava origem a uma virgindade psíquica em cada encontro amoroso e mesmo que o parceiro ou os gestos fossem os mesmos, ou não, tal encontro era vivido como uma primeira vez, na qual a sexualidade se entrelaçava ao sabor, à magia, às cores, enfim, à completude de uma experiência prazerosa.

Por conseguinte, a beleza e o erotismo de Afrodite devem ultrapassar tudo aquilo que simplesmente agrada aos olhos. É muito mais que a perfeição das formas. É a beleza que brota de um contato físico e psíquico, profundo, e que tem o poder de transformar essa vivência em êxtase no qual o sujeito pode experimentar o prazer do seu próprio corpo e do corpo do outro.

Diante desse pensar pertinente, finalizarmos com uma história que nos conta a escritura literária de Allende (1998, p. 103).

“Na década de 40, Anaís Nin e Henry Miller sobreviveram por um tempo escrevendo contos eróticos para um homem que lhes pagava por página. Este cliente, que se fazia chamar de Colecionador, sempre permaneceu anônimo, enchendo de indignada curiosidade os dois grandes autores que emprestaram seu talento e sua pena para satisfazer os seus caprichos. Este colecionador de pornografia não apreciava seu estilo e diversas vezes exigiu que “deixassem a poesia de lado” e se concentrassem no sexo, porque o

resto não lhe interessava. Anaís Nin escreveu-lhe uma carta em que define magistralmente a essência do erotismo”:

Querido colecionador: Nós o odiamos. O sexo perde todo o seu poder e sua magia quando é explícito, rotineiro, exagerado, quando é uma obsessão mecânica. Transforma-se em tédio. O senhor nos ensinou melhor do que ninguém o erro de não misturar sexo com emoções, apetites, desejos, luxúria, fantasias, caprichos, vínculos pessoais, relações profundas que mudam a sua cor, sabor, ritmo, intensidade.

Não sabe o que está perdendo com sua observação microscópica da atividade sexual, excluindo os aspectos que são seu combustível: intelectuais, imaginativos, românticos, emocionais. Isto é o que dá ao sexo sua surpreendente textura, suas transformações sutis, seus elementos afrodisíacos. O senhor reduz seu mundo de sensações, o que faz murchar, mata-o de fome, dessangra-o.

Se nutrisse sua vida sexual com toda a excitação e aventura que o amor injeta na sensualidade, seria o homem mais potente do mundo. A fonte da potência sexual é a curiosidade, a paixão. O senhor está vendo sua chaminha extinguir-se asfixiada. *A monotonia é fatal para o sexo.*

Sem sentimentos, *inventividade*, disposição, não há surpresa na cama. O sexo deve ser misturado com lágrimas, riso, palavras, promessas, cenas, ciúmes, invejas, todos os componentes do medo, viagens ao exterior, novos rostos, romances, histórias, sonhos, fantasias, música, dança, ópio, vinho.

Sabe quando está perdendo por ter esse periscópio na ponta do seu sexo, quando poderia gozar um harém de maravilhas diferentes e novas? Não existem dois cabelos iguais, mas o senhor não nos permite perder palavras na descrição do cabelo; tampouco dois cheiros, mas se nos expandimos nisto, o senhor berra: Deixem a poesia de lado! Não existem duas peles com a mesma textura e jamais a luz, a temperatura ou as sombras são as mesmas, nunca os mesmos gestos, pois um amante, quando está excitado por amor verdadeiro, pode percorrer a gama de séculos de ciência amorosa. *Que variedade, que mudanças de idade, que variações na maturidade e na inocência, na perversão e na arte...!*

Temos nos sentado durante horas nos perguntando como é o senhor. Se tem negado aos seus sentidos seda, luz, cor, cheiro caráter, temperamento, agora deve estar completamente murcho. Há tantos sentidos menores fluindo como afluentes ao rio do sexo, nutrindo-o.

Só a *pulsção* unânime do sexo e do coração juntos pode criar êxtase. (grifos nossos).

Na roteirização de sexualidades, portanto, parece sempre haver opressão de gênero, não permitindo identidades múltiplas, experiências diversas e, principalmente, enfoque na construção social, relacional e de um determinado momento da vivência individual. Parece sempre indicar uma visão maniqueísta, determinista e não permitindo ampliar as captações das relações existentes, sem cair nas dicotomias sexo/gênero, mulher/homem, bem/mal, natureza/cultura. Não há espaços para a “pulsção” nem inventividade. Na busca de scripts deixamos a poética e a arte em tom monótono.

As diretrizes de modelos fixos, das exigências de um certo racionalismo, de

roteirizações podem ser pontos-finais, sinalizando para certa homogeneidade nas relações sociais. Obscurecer a pluralidade de práticas sexuais – incluindo o erotismo das palavras, dos sabores e das representações – podem limitar processos emancipatórios e integrados ao imaginário social.

REFERÊNCIAS

ALLENDE, Isabel. *Afrodite: contos, receitas e outros afrodisíacos*. Ilustrações Robert Shekter; receitas Panchita Llona; tradução Cláudia Schilling. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

ALLENDE, Isabel. *A casa dos espíritos*. Rio de Janeiro: Bertrand, 1995.

AMARAL, Ana Luísa. *Ara*. Porto: Sextante Editora, 2013.

BAUDRILLARD, Jean. *Telemorfose*. Rio de Janeiro: Mauad, 2004.

DEBORD, Guy. *A Sociedade do Espetáculo*. Tradução Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

ESQUIVEL, Laura. *Como Água para Chocolate*. Barcelona: Grijalbo, 2000.

GAGNON, John H. *Uma Interpretação do Desejo – Ensaio Sobre o Estudo da Sexualidade*. Tradução Lucia Ribeiro da Silva; revisão técnica Sergio Carrara e Horácio Sívori. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.

GAGNON, John H. & SIMON, William. *Sexual conduct: The social sources of human sexuality*. Chicago: Aldine Press, 1974.

GAGNON, John H. & SIMON, William. The sexual scripting of oral genital contacts. *Arch Sex Behav* 16, pp. 1–25 (1987). Available <https://doi.org/10.1007/BF01541838>

JESUS, Carolina de. *Quarto de Despejo*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1960.

LISPECTOR, Clarice. *A hora da estrela*. Rio de Janeiro: Rocco, 1977.

MARTINS, Catarina Isabel. *Corpos nus de mulheres negras: eixos poéticos e políticos da escrita de mulheres africanas lusófonas*. *Revista Estudos Feministas*, v. 27, n. 1, e58880, jan./abr. 2019. Disponível em <https://doi.org/10.1590/1806-9584-2019v27n158880>. Acesso 30 Ago. 2021.

MORAES, Eliane Robert. *Topografia do risco: o erotismo literário no Brasil contemporâneo*. *Cadernos Pagu*, (31), 2008, pp. 399-418. Disponível em <https://dx.doi.org/10.1590/S0104-83332008000200017> Acesso em 24 ago. 2021

NIETZSCHE, Friedrich. *Obras Incompletas: seleção de textos de Gérard Lebrun; tradução e notas de Rubens Rodrigues Torres Filho; posfácio de Antônio Cândido de Mello e Souza*. São Paulo: Abril Cultural, 1978 (Coleção Os Pensadores).

PRADO, Adélia. Poesias Reunidas. São Paulo: Siciliano, 1991.

PAGLIA, Camille. Persona sexuais: arte e decadência de Nefertite a Emily Dickson. Tradução Marcos Santarrita. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

SEVCENKO, Nicolau. A Literatura como missão. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

ZUCCHI, Vanessa. Do prazer do texto ao prazer da crítica. Revista investigações, Recife, v. 27, n. 1, pp. 1-13, jan. 2014. Disponível em: <periodicos.ufpe.br/revistas/INV/article/view/492>. Acesso em: 22 ago. 2021.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Amazônia Sul-Occidental 44, 45, 46, 49, 57

Assassinatos 11, 12

B

Brasil 1, 4, 7, 8, 10, 11, 12, 17, 19, 20, 22, 23, 24, 25, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 35, 38, 39, 42, 43, 44, 46, 47, 49, 50, 54, 55, 57, 58, 61, 89, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 100

C

Censura 16, 20, 21

Chile 78

Constituição 20, 31, 32, 38, 42, 43, 60, 61, 64, 65, 76

Corpos 76, 77, 78, 79, 80, 82, 85, 86, 87, 89

Cultura 39, 47, 48, 58, 84, 85, 88, 94

D

Diplomacia 91

Direitos 1, 3, 11, 12, 20, 23, 24, 28, 30, 31, 35, 38, 39, 40, 76, 78, 92, 94, 100

Ditadura 1, 3, 14, 16, 17, 19, 20, 21, 22, 23, 25, 34, 35, 78

Dominação 4, 5, 18, 19, 29, 42

E

Edson Luís 1, 2, 3, 7, 8, 9, 10, 13, 14

Educação básica 44, 45, 46, 47, 49, 52, 53, 54, 55, 56, 57

Ensino superior 38, 46, 55, 56

Estados Unidos 38, 43, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 98

F

Febre Amarela 59, 60, 61, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 73, 74, 75

G

Gonzaguinha 16, 17, 20, 21, 22, 23, 25

Governo Bolsonaro 16, 17, 21, 23, 95, 96

H

História contemporânea 1

I

Iniciação científica 45, 46, 50, 51, 52, 53, 55, 56, 57, 58

Isabel Allende 76, 77, 78

J

John H. Gagnon 76, 79

Jovens pesquisadores 44, 45, 46, 56

K

Karl Marx 16, 17, 18, 26

L

Liberdade 10, 23, 38, 79

Lima Barreto 27, 35, 40

Literatura 21, 78, 80, 90

Louis Althusser 17

M

Marielle Franco 1, 2, 3, 11

Max Weber 5, 15, 27, 29

Mulheres 31, 76, 78, 79, 80, 86, 89, 100

Música 16, 17, 20, 21, 22, 88

O

Oligarquias 27, 39, 41

P

Participação 20, 27, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 38, 39, 40, 42, 54

Pierre Bourdieu 1, 4

Poder 1, 3, 4, 5, 7, 15, 18, 19, 20, 28, 29, 30, 32, 35, 43, 56, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 66, 67, 69, 74, 75, 85, 87, 88, 91, 92, 94, 96

Polícia sanitária 59, 60, 62, 66, 68, 69, 70, 72, 74

Política externa 91, 93, 94, 95, 97

Povo 8, 9, 25, 27, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 42, 47, 95, 96

R

Relações internacionais 91, 92, 93, 99

República 1, 14, 19, 27, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 42, 43, 59, 61, 65, 75, 92, 93, 94

Roteiros sexuais 81, 83

S

Século XIX 27, 33, 59, 62, 63, 64, 65, 67, 73, 74

Século XX 28, 64, 65, 85, 93

Século XXI 25, 45, 47, 48, 51, 54, 97

Sexualidades 76, 77, 78, 79, 83, 86, 87, 88

Sociedade 8, 9, 11, 15, 16, 17, 18, 19, 21, 24, 25, 27, 28, 29, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 39, 40, 43, 45, 54, 64, 76, 89, 92

Subjetividades 76, 77, 79

T

Tempo presente 76, 82, 100

História e Política:

**Pensamentos
constitutivos
e críticos**







-  www.atenaeditora.com.br
-  contato@atenaeditora.com.br
-  [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)
-  www.facebook.com/atenaeditora.com.br

Atena
Editora
Ano 2021

História e Política:

**Pensamentos
constitutivos
e críticos**



-  www.atenaeditora.com.br
-  contato@atenaeditora.com.br
-  [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)
-  www.facebook.com/atenaeditora.com.br

Atena
Editora
Ano 2021